

O MÉDICO E O MONSTRO: SOBRE A EVOLUÇÃO DO DISCURSO
TERATOLÓGICO EM PORTUGAL, DO SÉCULO XVI AO XVIII*

YARA FRATESCHI VIEIRA
(UNICAMP)

Em 1726, o médico português Brás Luís de Abreu, cuja vida serviu de tema ao romance de Camilo O *Olho de Vidro*, citava um médico do século XVI, Amato Lusitano, a propósito de uma moça que mudara de sexo quando chegara à puberdade:

"In Oppido Esgueyra [ouçamos o lugar de Amato, por ser de cazo entre nós succedido] novem leucis à Conimbrica nobili apud Lusitanos Civitate, puella quaedam genere nobilis erat, cui nomen (si recte teneo) Maria Pacheco erat, quae cum ad aetatem pervenisset, in qua mulieres menstrua primum emittere solent, vice mensium priapum usque ad id tempus intus latitantem extra ejecit, sic ex foemina factus est masculus." [Cent. 2, cur. 39]¹

A descrição de Amato Lusitano é discreta e contém os detalhes que visam a uma explicação natural dos fatos: a moça, na verdade, tivera o pênis latente até aquele momento, e só na puberdade é que, em vez de ter menstruação, desenvolveu completamente o órgão masculino.

O relato em segunda mão de Brás Luis de Abreu, contudo, omite essa hipótese da latência do órgão masculino, substituindo-a por um termo mais estimulante ["repentinamente"], o qual sugere a idéia de ação contra a expectativa natural, motivada pelo **acaso** ou talvez até mesmo por uma **intervenção não natural**:

*"41. De uma nossa Portuguesa fas menção Amato Lusitano, que sem ser hermaphrodita foi Molher com o nome de Maria Pacheca até a idade da menstruação; e nesse tempo se converteo repentinamente em homem, e se chamou Manoel Pacheco. Foi natural de Villa de Esgueyra."*²

A menção do caso vem incluída na seção do livro de Abreu sobre os anróginos, seres que, sobre serem tradicionalmente classificados entre os monstros, sempre provocaram o mais vivo interesse, curiosidade, espanto e até mesmo repulsa. O uso que Brás Luís de Abreu faz da citação de Amato Lusitano é intrigante, porque chama a nossa atenção para o tratamento da questão da monstruosidade no discurso médico português, no período compreendido entre o século XVI e o XVIII. Como o tema da monstruosidade foi também tratado em outros tipos de discurso,

no mesmo período, ele é passível de exame não só no domínio do discurso médico, mas ainda em domínios mais amplos que nos podem esclarecer acerca das relações entre as diversas camadas culturais: o uso e a difusão do tema pode levar-nos a considerá-lo como uma região privilegiada do imaginário português setecentista.

O tratamento dessa mesma questão em países como a França e a Inglaterra já foi objeto de análise, tendo a investigação levado a conclusões relevantes para a compreensão da evolução do discurso científico naqueles países no período considerado: a direção da mudança, segundo esses estudos, vai no sentido de tratar a monstruosidade cada vez mais como um objeto da ciência, e cada vez menos como um signo de operação sobrenatural ou paranatural. Segundo as autoras desse trabalho, "o estudo da literatura quinhentista e seiscentista sobre monstros - aberrações na ordem natural - lança nova luz sobre as antigas concepções de natureza, assim como sobre o programa científico baconiano e sua encarnação no trabalho das academias francesas e inglesas. Também oferece um fascinante exemplo no que se refere aos níveis de cultura, e em especial à mudança nas relações entre a cultura popular e a erudita nesse período."³

Neste trabalho, interessa-me examinar se em Portugal ocorre o mesmo tipo de mudança e se acompanha o mesmo sentido que é predominante nos países culturalmente mais avançados da época. Para tanto, vou analisar as concepções de monstro que aparecem nos principais autores portugueses de tratados médicos, do século XVI ao XVIII.

Começemos com Amato Lusitano, um dos principais médicos portugueses do Renascimento, célebre principalmente por seus estudos de anatomia. Nascido em Castelo Branco, em 1511, com o nome de João Rodrigues, morreu em 1568, em Salônica. Estudou em Salamanca, onde teve professores renomados, tais como Pontano, Olivares e Alderete, e onde foi colega de futuras celebridades como Luís Nunes, Cristóvão Orosco e André Laguna. Depois de formado, em 1529, retornou a Portugal, percorrendo diversos lugares, cujas plantas indígenas veio a conhecer muito bem. A inquisição levou-o a abandonar Portugal, por volta de 1534, e a estabelecer-se em Antuérpia por alguns anos. Aí esteve em contacto com diversos humanistas europeus, e publicou a sua primeira obra, um comentário à obra de Dioscórides, "em que dá conta de muitas plantas indígenas de Portugal, ao mesmo tempo que menciona as produções das ilhas de S. Tomé e Madeira e doutras possessões portuguesas."⁴ Deixando Antuérpia, percorre várias cidades da Itália, publica as suas *Centuriae curationum medicinalium*, com o nome de Amato Lusitano, e graças a renovadas perseguições por judaísmo, termina por refugiar-se em Salônica, onde vem a morrer, numa epidemia de peste.⁵

Nas suas *Centuriae*, Amato meniona alguns casos de monstros que teria visto, ou de que ouvira falar. Assim, na 1ª *Cent.*, *Cur. LI*, menciona o caso de um menino que nascera com um corninho na cabeça:

"Um garoto nasceu com um corninho na cabeça. Não tinha dor nem sentia qualquer agravo dele. O rapaz cresceu e o cornito também. A criança procurava tirá-lo da cabeça e pedia-o ao pai, visto que por isso os rapazes lhe chamavam o cornudo. Mandado chamar um cirurgião mais audaz do que era preciso, primeiro cortou-lhe a parte superior e deste corte o rapaz não sentiu quase dor alguma. Ora o cirurgião, calculando que aconteceria o mesmo se cortasse mais fundo o cornito, lançou-se à obra, mas com infeliz sucesso, pois em breve, dentro de poucas horas, o doente morria."

E Amato explica o acontecimento com base nos dados anatômicos do fenômeno:

“E não é de admirar, visto esse corno ser muito duro, particular do crâneo, na parte inferior, e ter substância medular do cérebro.”⁶

Outros casos monstruosos são mencionados e analisados por Amato Lusitano, sempre com a preocupação de verificar as bases naturais que serviriam de explicação para o fenômeno, ou as razões que teríamos para aceitar casos que à primeira vista parecem admiráveis ou merecedores de pouco crédito. Assim, ao examinar o caso de uma mulher que abortara uma espécie de animal, conclui simplesmente que se tratava de uma “mola”, isto é, um embrião informe. E esse caso fá-lo lembrar-se do caso de uma mulher de Ferrara, morta de parto, a qual ele “abriria e dissecara”, encontrando no seu útero gêmeos completos, um menino e uma menina, ambos mortos. Mas o que interessa a Amato, nesse caso, é demonstrar que a extração do útero pelo doutíssimo João Baptista Canano permitia refutar o que até então se admitia, ou seja, que o útero possui várias cavidades. Ora, diz Amato, na verdade o útero é semelhante à bexiga, e nele, além da cavidade comum, nenhuma outra aparece. Contudo, observa-se nessa cavidade uma parte direita e uma esquerda, cuja substância, quando cortada, se revela semelhante à substância dos intestinos. Conclui Amato, baseado nessa dissecação, que é fabuloso o que diz Herópilo, segundo o qual a matriz humana, quando dissecada, é bicorne.⁷

O tipo de atitude que esse médico renascentista revela diante dos casos de monstruosidade que chegou a conhecer ou de que ouviu falar, é semelhante ao dos exploradores portugueses do século XVI, que procuraram conferir a palavra das autoridades do passado greco-latino com o fruto da sua observação pessoal. Como naqueles casos também, é preciso conceder que Amato é ainda um produto de uma época de transição: embora não admita explicações fabulosas, pode em alguns casos inclinar-se a aceitar explicações menos plausíveis, desde que haja algum motivo cuja racionalidade lhe pareça suficientemente convincente.

Isso ocorre, por exemplo, quando Amato se ocupa de um caso, o qual embora não seja monstruoso, é da ordem do “admirável”, do “prodigioso”: trata-se do caso que poderíamos chamar do “triângulo turco”, formado por duas mulheres turcas e o marido de uma delas. É um triângulo especial porque acomodava de um lado as relações de uma delas com o marido, e de outro as relações lésbicas entre as duas mulheres. O caso “admirável, porém verdadeiro”, descrito por Amato, refere-se portanto a duas mulheres turcas, das quais uma era viúva. Ora, esta última, um dia, incitou a outra ao ato amoroso, precisamente no momento em que aquela acabara de ter relações com o marido. Ficando a viúva na posição de “súcuba”, o seu útero, com “ingente apetite da ejaculação seminal não só da mulher íncuba, mas também da viril”, sugou o sêmen masculino depositado no útero da parceira, engravidando por esse motivo. O que terá levado Amato a crer nessa história? O fato, diz ele, de o ter afirmado a própria viúva leva-nos a dar-lhe fé, pois “ser-lhe-ia menos ignominioso confessar que emprenhara de um homem, do que desse modo por uma mulher”.⁸

Não se trata aqui, portanto, de uma explicação natural, baseada na experiência e na observação. Trata-se de um outro tipo de coerência, a da plausibilidade dos atos humanos: dado que seria menos ignominioso a uma mulher confessar relações com um homem do que com uma mulher, se ela assim o declara, deve ser verdade. Amato não se interroga, porém, sobre a variação dos costumes segundo diferentes culturas. O fato de estarem em causa duas mulheres turcas não o impede

de generalizar quanto à maior ou menor ignomínia resultante das relações homossexuais ou heterossexuais.

Quanto às raças monstruosas mencionadas na literatura corrente, encontramos uma referência às Amazonas, mas num contexto bastante preciso e com a finalidade precípua de confirmar pelo exemplo uma hipótese anatomico-fisiológica de Amato: na verdade, João Rodrigues recorre às Amazonas quando trata do caso de um menino canhoto, que o pai queria a todo custo transformar em dextro. Os esforços foram baldados, e o menino permaneceu sinistro para sempre. Porém, indaga Amato, qual a razão disso? Os seus estudos de anatomia, feitos em corpos dissecados, completados pela medida e peso dos ossos, e pela conferência do peso dos ossos do braço direito com o do esquerdo, levaram-no a poder responder a essa pergunta. Com efeito, o peso do osso do braço direito, do cúbito ao úmero, é maior do que o do osso do braço esquerdo, o que permite elaborar a hipótese de que isso se deva ao fato de que ao braço mais exercitado flua em maior quantidade a matéria nutritiva: “nem me faltavam exemplos para confirmar essa inclinação”, prossegue Amato, “na medida em que podia escolher o caso das Amazonas, isto é, as mulheres da Scitia desprovidas de seios: as quais queimavam o seio direito, para que toda a força e vigor se desviassem para o ombro e braço direito, como lembra Hipócrates no livro *De aere, aquis et locis*”.⁹ Assim, uma raça fabulosa como a das Amazonas é totalmente integrada num contexto de anatomia experimental, servindo a sua existência e as suas peculiaridades para corroborar uma hipótese “filosófica” de Amato Lusitano.

De qualquer forma, Amato, que confessa ter dissecado muitos e vários corpos, “desejoso do raro conhecimento da anatomia” [*“anatomiae exquisitam cognitionem desiderantes”*, Cent. III, Cur. Centesima], diz ter assim chegado a “descobrir muitas e várias coisas nunca antes escritas, nem ouvidas” [*“unde multa et varia nunquam antea scripta, neque fando audita, invenimus”*, Cent. III, Cur. Centesima]: uma expressão que se aproxima muito daquilo que na mesma altura dizia dos portugueses Duarte Pacheco Pereira e que Camões resumiria n’*Os Lusíadas*.¹⁰

A mesma confiança na observação e na experiência como método de conhecimento e de verificação do saber transmitido pela tradição clássica, vem expressa por outro médico do fim do século XVI, Rodrigo de Castro. Nasceu em Lisboa em 1546, filho de cristão novo. Estudou em Salamanca, mas recebido o grau de doutor, retornou a Portugal, vindo a clinicar em Évora e em Lisboa. Foi obrigado a sair de Portugal, logo depois de 1588, segundo consta por causa da decisão de Filipe II de observar as leis contra os judeus promulgadas por D. João III. Estabeleceu residência em Hamburgo, onde veio a casar-se com uma judia portuguesa, Catarina Rodrigues. A morte dela, por febre puerperal no terceiro parto, teria levado Rodrigo a dedicar-se mais especificamente às doenças femininas, coligindo “os materiais da obra que imortalizou o seu nome, e que se intitula *De universa mulierum medicina*.”¹¹

No livro segundo da sua obra sobre ginecologia, Rodrigo de Castro, ao tratar da menstruação, contesta a informação dada por Plínio sobre raças monstruosas encontradas na Índia, com base no depoimento dos navegadores portugueses, fundado na observação e experiência:

“Plínio refere que entre alguns povos na Índia, que ele chama de Mandros e Calingas, as mulheres concebem aos cinco e aos sete anos, mas aquelas não ultrapassam o oitavo ano de vida, estas o quadragésimo; mas como os nossos Lusitanos (que com forte e poderoso animo, e virtude bélica, todas aquelas regiões percorreram, e

penetraram até as suas partes mais íntimas, e as coisas mais raras que viram, consagraram zelosamente em ínclitos monumentos literários) disso em nenhum lugar (que eu saiba) trataram, deve ser considerado como ficção e como tendo sido inventado, pois naquela idade as vias são mais estreitas do que é necessário para que o sangue possa por elas livremente permear para a concepção.”¹²

Rodrigo de Castro comenta ainda, na sua secção “De onde vem os monstros” [**Monstra unde**], a clássica questão tratada por Santo Agostinho e Isidoro de Sevilha acerca da participação dos monstros nos planos divinos: Santo Agostinho argumenta que o homem não pode julgar os propósitos divinos acerca das raças monstruosas, porque só Deus conhece as semelhanças e as diversidades que contribuem para a beleza do todo. E ele pode ter criado as raças monstruosas para que o homem não julgue que os seres monstruosos nascidos entre os humanos ou animais à nossa volta constituem uma falha da sua sabedoria.¹³ Já para Santo Isidoro, os monstros têm a finalidade de mostrar, ou predizer o futuro, e portanto não são *contra naturam*.¹⁴

Rodrigo de Castro retoma essa discussão muito discretamente, colocando-a dentro de um contexto de explicação aristotélica naturalista. Para ele, a responsabilidade do aparecimento dos monstros não cabe ao criador, mas a uma deficiência ou inépcia da matéria. Socorre-se, para apoio do seu argumento, da autoridade do Mestre, interpretando de acordo com a sua teoria a frase: “Sol et homo generant hominem.” Nessa frase, diz Rodrigo de Castro, Aristóteles afirma que a causa superior e o seu influxo, o qual dirige o espírito gerador, junto com o sêmen saído do homem, geram o homem. Ainda interpretando Aristóteles, diz que existe em nós um tríplice calor: o ígneo, ou elementar; o temperado natural, ou ínsito; e o extrínseco ou celeste, que governa aquele e é o autor da procriação e aumento da vida. Fica clara a tendência de Rodrigo de Castro para, embora sem negar a “suma sabedoria, sumo poder e inefável bondade do criador”, fazer incidir sobre causas naturais (a deficiência ou inépcia da matéria) a responsabilidade pelo aparecimento dos monstros.¹⁵

No entanto, como já foi a propósito assinalado por Luís Filipe Barreto, o Renascimento português tem que ser entendido como um “processo dialéctico no qual os elementos culturais são simultaneamente eliminados e preservados”¹⁶, e no caso de Rodrigo de Castro é possível observar oscilações semelhantes entre a tradição e a inovação, entre os elementos advindos da teratologia clássica e medieval, e uma atitude mais naturalista em relação à gênese dos monstros. Assim, quando discute as causas dos monstros, depois de oferecer uma definição geral, de origem aristotélica (“defeito de semelhança em relação aos pais”), enumera cinco causas especiais: penúria do sêmen ou da menstruação; excessiva fertilidade (gigantes, partos numerosos); dissemelhança do útero e da substância: corrupção do sêmen ou da menstruação; e finalmente, a imaginação diversa e veemente no ato da concepção, ou no tempo da gestação, a qual domina a faculdade formadora de maneira a imprimir, não a imagem paterna, mas a eflúgie imaginada. As quatro primeiras causas são em tese observáveis, e passíveis portanto de verificação. A quinta, porém, faz parte da literatura clássica a respeito do assunto, na qual há farta citação de exemplos recorrentes: assim, o caso da mulher branca que teve um filho negro, porque olhava muito para a imagem de um negro que estava pendurara no seu quarto. Essa explicação sobrevive ainda hoje na sabedoria popular. Rodrigo de Castro, porém, nega o poder que a imaginação teria em mudar as formas. Segundo ele, nunca se pôde provar que a imaginação fosse responsável pelo nascimento do

de monstros, porque muitas vezes nem no coito nem em todo o tempo da gravidez vira a mulher um animal, ou nele pensara, semelhante ao que depois veio e parir. É preciso, diz ele, procurar outra causa para esses nascimentos. E a primeira delas, afirma, é, "a ira de Deus e o divino juízo assim o permitindo, (gerarem-se os monstros) de coitos abomináveis, ou por causa de outros pecados dos pais. A segunda, o acesso celerado aos animais brutos. Terceira, o coito no período da menstruação, [...] outras causas menos precípua [...] o vento africano ou austral [...] como escreve Aristóteles, de onde vem o provérbio, sempre algo de mal nos vem de África, e ainda o desejo de coisas estranhas, quedas, saltos e semelhantes."¹⁷

A invocação à ira de Deus e ao divino juízo pode ser entendida como uma concessão às autoridades encarregadas da censura; ou então pode simplesmente seguir uma tradição estabelecida na literatura médica, portuguesa e europeia em geral. De qualquer forma, tendo começado por negar o papel da imaginação na concepção dos monstros, por não ser comprovável, Rodrigo de Castro acaba por enumerar uma lista onde se acotovelam causas naturais, preconceitos, causas sobrenaturais, morais, e até mesmo sintomas, como o desejo de coisas estranhas, que passam a causa de nascimentos monstruosos. Dado o cuidado manifestado por Rodrigo de Castro nos outros passos da sua obra, sempre podemos pôr em dúvida, é claro, a autenticidade dessas afirmações. Mas, de qualquer forma, elas não destoariam muito do contexto heterogêneo em que apareceram.

Os que se dedicaram ao estudo da ciência médica em Portugal, são unânimes em reconhecer a sua época áurea na século XVI. Outros médicos contemporâneos, ainda que não se tenham ocupado de monstros, ilustram também a tendência generalizada do século: espírito aberto à experimentação e ao aproveitamento dos novos conhecimentos provenientes das navegações por terras recém-descobertas, que levam à crítica da tradição veiculada pela literatura médica clássica e medieval. Entre eles, podem ser citados Aleixo d'Abreu, nascido em 1568 em Alcáçovas, no Alentejo, e formado em Coimbra à custa do partido dos estudantes cristãos velhos. Esteve em Angola e no Brasil, e nas palavras de Maximiano Lemos, "a prática das doenças dos paizes quentes e sobretudo das do fígado e rins, que adquiriu com o uso dos purgantes e vomitivos, fizeram-n'ó esquecer os auctores gregos, para se socorrer do que pessoalmente observara. E sempre que se refere aos auctores gregos, prefere o naturismo hippocratico às especulações galeniças."¹⁸

Outros autores que aproveitaram os conhecimentos d'além-mar para o campo da medicina foram Garcia da Orta, conhecido pelos **Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia**, e Cristóvão da Costa, que escreveu uma espécie de aditamento aos **Colóquios: Aromatum et medicamentorum in orientali India nascentium liber: Pluviorum lucis adferens iis quae à D. Garcia da Orta in hoc genere scripta...**¹⁹

Um médico do fim do século XVI e começo do XVII merece atenção especial pela sua importância no quadro geral da medicina portuguesa. Trata-se de Abrão Zacuto, Lusitano (1576-1642), que fez os seus estudos em Salamanca e Coimbra, doutorando-se na Universidade de Sigüenza. Viveu em Coimbra durante trinta anos após a formatura, mas depois foi obrigado a acolher-se a Amsterdam, por causa da perseguição aos judeus.²⁰

Zacuto Lusitano, considerado o mais notável médico português do século XVII, concede também atenção às monstruosidades. No seu livro **Praxis medica admiranda**, há uma secção sobre monstros, que ele trata como algo admirável, ou como "erro da natureza". Assim, refere o caso de uma menina de três anos, "formosa, e bela, com uma grande barba, e com o corpo todo hirsuto [...] Esse monstro era exibido publicamente em circos, por causa do lucro. Pois muitas coisas admirá-

veis se vêem por erro da natureza”²¹ Na *Observatio XCIII*, refere o caso de um menino cornudo, não já para dele extrair a lição de anatomia que de um caso análogo tirara Amato Lusitano, como já referi antes, mas para aceitar uma explicação tradicional: “Segundo dizia a mãe, esse parto monstruoso se devia ao facto de ela ter contemplado com atenção a figura de um unicórnio no momento da concepção.” E conclui Zacuto: “Portanto, os monstros ocorrem na natureza das coisas.”²²

Já vimos como Rodrigo de Castro rejeitara uma explicação semelhante alguns anos antes. É preciso observar, porém, que no caso de Rodrigo de Castro, o argumento era que nem sempre era possível apontar com segurança que a mãe vira ou imaginara o monstro parido mais tarde. Mas neste caso, Zacuto tem o cuidado de citar a palavra da mãe em testemunho do facto de ter realmente contemplado com atenção a figura do unicórnio no momento da concepção. Não era, portanto, caso para ser posto em dúvida. Além disso, se observarmos o que acontecia no resto da Europa letrada no mesmo período, vamos encontrar fortes tendências para considerar as monstruosidades não mais como prodígios ou portentos, mas como a obra engenhosa de uma natureza artificiosa. Nesse sentido, pode-se inclusive falar de uma secularização da literatura sobre monstros, e também sobre a natureza: como assinalam K. Park e L. Daston, “a história de monstros e outras maravilhas teve um papel crucial no programa Baconiano: os monstros ofereciam a chave para compreender não só os fenómenos mais regulares, mas também constituíam a inspiração para a invenção humana. Como prodígios, os monstros tinham cruzado os limites entre o natural e o sobrenatural; como história natural, serviram de ponte entre o natural e o artificial.”²³ Zacuto Lusitano, como bem o atestam as palavras de apresentação que servem de subtítulo ao seu livro [*In qua, exempla monstrosa, rara, nova, mirabilia, circa abditas morborum causas, signa, eventus atque curationes exhibita, diligentissime proponuntur*], está bem dentro dessa corrente “naturalista” da ciência europeia sua contemporânea.

No entanto, a obra de Zacuto parece ter ficado isolada no contexto da literatura médica do século XVII português. Segundo Maximiano Lemos, o século XVII não teve a mesma importância que o anterior. Os estudos anatómicos, que tinham sido desenvolvidos durante o século XVI, como vimos quando nos ocupamos de Amato Lusitano, caíram em abandono. “No século XVII, [...] pode dizer-se que raro se abriam cadáveres humanos, e quer em Lisboa quer em Coimbra as poucas disseções praticadas eram feitas em animais. Para que se meça bem o atrazo em que estávamos, bastará dizer que a doutrina da circulação do sangue e os trabalhos anatómicos de Melpighi e Leuwenkoek eram quasi completamente desconhecidos em Portugal n’esta época.” [...] Ao lado, porém, de alguns trabalhos de valia, encontramos um fundo de superstição e charlatanismo no exercício da profissão, a crença na virtude miraculosa de substancias indiferentes, um culto intenso da astrologia. Ao passo que no século XVI acompanhávamos o movimento científico dos países mais cultos, no que lhe succedeu iam-nos distanciando cada vez mais.”²⁴ Dada a escassez de produção científica própria, o pouco contacto com as informações vindas de fora, não admira que a obra de Zacuto, graças à riqueza de informações nela contida, se tornasse uma espécie de bíblia medicinal, sendo comentada, extractada e discutida durante todo o século XVIII, conforme o atesta o mesmo M. Lemos.

O século XVIII em Portugal, no que diz respeito ao desenvolvimento das ciências médicas, vai revelar a mesma incongruência que apresenta em outras áreas do conhecimento: ao lado de um desenvolvimento do espírito científico que procura acompanhar o movimento ilustrado que vai pela Europa, e representado principalmente por “estrangeirados” e pelas reformas pombalinas, encontramos também uma

quantidade impressionante de superstições, sobrevivências de credices, charlatanismos e demais manifestações de obscurantismo. Já é um lugar comum relacionar essas manifestações com a influência dos jesuítas na vida cultural portuguesa. A reforma do ensino, começada por Verney em 1746, e continuada por Ribeiro Sanches em 1763, com o seu **Methodo de aprender e estudar a medicina**, vai pôr ênfase sobre a prática do ensino em hospitais, laboratórios e jardins botânicos, sobre o estudo das chamadas "ciências acessórias" (a filosofia, a física, a mecânica e a história natural, a matemática, o grego e o latim, a geografia e a cronologia), vai introduzir o sistema de Boerhaave e fundir os estudos da medicina com os de cirurgia, acabando assim com a figura do cirurgião como distinto do médico.

O tratamento da questão da monstrosidade vai constituir um ponto sensível onde se manifesta claramente o descompasso da ciência médica setecentista em Portugal: assim, logo no começo do século, Francisco da Fonseca Henriques, médico de D. João V, publica em Amsterdam a sua **Medicina lusitana, e Soccorro Delphico**, em que, ao lado de "muita doutrina aproveitável, e pelo menos perfeitamente ao par dos conhecimentos mais adiantados que ao seu tempo estava de posse a medicina"²⁵, inclui capítulos sobre os hermafroditas e sobre as concepções monstruosas, que se limitam a repetir toda a literatura clássica e medieval sobre o assunto, sem o espírito crítico que já haviam revelado, por exemplo, Amato Lusitano, Rodrigo de Castro e Zacuto Lusitano. Dessa forma, entre os seres monstruosos no sexo, refere os hermafroditas, ou andróginos, que define a partir da etimologia como aqueles em que há aparências de um e outro sexo. Como exemplo de andróginos, cita uns povos da África, os quais segundo Plínio têm uma e outra natureza e usam de um e outro sexo.²⁶ Como contraponto à anacrônica credulidade do médico de D. João V, gostaria de mencionar um controverso livro, publicado algumas décadas mais tarde, pelo polêmico filósofo Cornelius de Pauw, nascido em Amsterdam em 1739 e falecido em Xanten em 1799, fora, portanto, do circuito cultural da península. Nesse livro, que gerou uma polêmica com Dom Pernetty, Abade de Bürgel e Bibliotecário do Rei da Prússia, ao discutir a opinião corrente acerca da abundância de hermafroditas na Flórida, Mr. de Pauw procura estabelecer a verdade sobre a anatomia e a fisiologia desses seres, observando que "quase todos os hermafroditas não passam de moças nas quais os órgãos do sexo, excedendo os limites ordinários, desenvolveram-se demasiadamente; e essa extensão, que se manifesta desde o nascimento, longe de desaparecer ou de diminuir, cresce e aumenta com a idade; enquanto que o contrário ocorre frequentemente com os rapazes cujas marcas viris ficaram ocultas até a adolescência; esse defeito corrige-se normalmente; porque a força do temperamento expulsa as partes que devem naturalmente projetar-se; mas ela não pode comprimir aquelas que se projetam contra a ordem habitual."²⁷ O interesse dessa explanação de Mr. de Pauw, para nós, reside também no fato de ela coincidir com as observações feitas já por Amato Lusitano dois séculos antes, a respeito daquela Maria Pacheca que se transformara em homem. Com certeza, Fonseca Henriques não desconhece a obra de Amato Lusitano, que cita aliás em vários passos, mas não parece ter aproveitado dela o suficiente para pôr em dúvida as suas próprias idéias sobre as monstrosidades sexuais, hauridas numa literatura que o resto do mundo científico já aprendera a olhar com algum ceticismo.

No que se refere aos monstros pela conformação do corpo, de que trata no capítulo 7, vamos aí reencontrar aquelas mesmas raças monstruosas que povoaram a imaginação humana desde os relatos de Ctésias de Cnidos, no século IV A.C., sem que Fonseca Henriques se faça aquela pergunta que já ocorrera a outros: como pode ser que essas raças não tenham sido vistas por nenhum dos navegadores portugueses ou outros? Dezessete anos mais tarde, num folheto de cordel, José Freire

Monterroio Mascarenhas, ao fazer o relato de um prodigioso monstro aparecido na Anatólia, far-se-á a mesma pergunta, e responderá, com alguma ironia:

“Este até agora nunca visto prodígio [...] tem conduzido a minha ideia a fazer reflexão sobre o que escreveram de varias Nações monstruosas os Autores antigos, especialmente Julio Solino, e Caio Plínio o velho, persuadindo-me a que, se houve homens monstruosos, não propagaram outros da sua espécie. Por todas essas várias Regiões do Mundo, onde os antigos situavam semelhantes Nações, tem passeado nestes ultimos seculos muitos viajantes curiosos, e nenhuma memoria acharam nelas daquela desformidade. [...] Ajustemo-nos em crer que tem havido no Mundo muitos Monstros em diversos tempos; mas que nunca houve nele propagação de espécies monstruosas.”²⁸

Ora, as Nações monstruosas de cuja existência duvida discretamente Monterroio Mascarenhas, são as mesmas que Fonseca Henriques menciona no seu capítulo: os Arthabatrístas, nação de homens quadrúpedes, os cinocéfalos, cujas cabeças são caninas, os cinamolgos, que ladram como cães. Aí aparece também um homem com cabeça, pescoço e crinas de cavalo, aparecido em 1664, “o qual servia de soldado, e pelejava com arco e flecha, com que se pinta na **Taboa de Hungria**, que no mesmo ano deo à estampa Gillis Hendriex”, citação importante porque admite sem nenhum tipo de restrição a autoridade de um folheto de cordel. Outra referência importante é a do famoso **Papstesel**, criação da polêmica da Reforma como alegoria da corrupção do papado, e tomado por Fonseca Henriques, que o cita através do Pe. Eusébio Nieremberg, como um monstro biológico real.

E aqui voltamos ao já conhecido Brás Luís de Abreu, que em 1726 publica o **Portugal Médico, ou Monarchia Medico Lusitana**, o qual se limita a copiar, nas partes relativas às monstruosidades, o que tinha sido dito por Fonseca Henriques, às vezes com as mesmas palavras, outras modificando apenas o suficiente para disfarçar (ainda que mal) a apropriação do livro do médico real. Como já ficou claro, o livro de Brás Luís de Abreu pode apenas servir de documento “do que era o exercicio da medicina entre nós no século XVIII, quando uma chusma de charlatães de toda a espécie invadira o nosso paiz.”²⁹

Brás Luís de Abreu revela ainda o conhecimento da obra de um outro médico seu contemporâneo, o doutor Bernardo Pereira, que publicara em 1729 um delirante **Discurso Apologetico [...] em defesa dos prodígios da Natureza vistos pela Experiencia, e qualificados por força de um successo para Conhecimento de Muytos Effeytos, e occultas qualidades**. Nesse **Discurso**, Bernardo Pereira trata do nascimento de duas meninas xifópagas em Castelo Branco, fazendo preceder o relato e estudo do caso de uma extensa discussão acerca da credibilidade que devem receber os relatos de nascimentos monstruosos ou de ocorrência de prodígios ou portentos, bem como a possibilidade de receberem eles uma explicação racional. Segundo Bernardo, que se penitencia por sua passada incredulidade em relação a casos ouvidos ou lidos por ele, a dúvida sistemática sobre a possibilidade de ocorrência de tais fenômenos é uma manifestação de pouca fé, já que a Deus nada é impossível e os seus desígnios são inescrutáveis. Retoma, portanto, a posição de Santo Agostinho, que cita várias vezes, segundo o qual o nascimento de seres monstruosos é permitido por Deus para que o homem não julgue que algo seja impossível à sua divina vontade. Pereira refuta como vã a tentativa de encontrar uma explicação racional para todos esses fenômenos, porque até agora não foi encontrada nenhuma

que desse conta de todos os fenômenos individuais, e

“porque reconheço que querer de tudo proferir a causa, e investigar as razões, he mais proprio dos indiscretos, que dos entendidos; pois os Varões mais doutos confessarão haver cousas tão occultas, propriedades tão reconditas, virtudes tão especificas, reciprocos consensos, sympathias, e magnetismos tão imperceptiveis, que a melhor razão destes segredos he não a poder investigar, e com rosto alegre confessar ignorancia nestes casos (que he a mayor sciencia como ja disse.)”³⁰

Ainda na esteira agostiniana, Pereira adverte que as monstruosidades contribuem para o ornato do universo, e a sua variedade lhe serve de maior adorno, uma vez que funcionam como fundo contrastante para a beleza e perfeição da natureza, da mesma forma que “nas pinturas com as sombras realção as cores, e do mesmo modo, que com a obscura, e caliginosa noite sahem do Sol as luzes mais brilhantes.”³¹ Apesar de todas as suas reservas, Bernardo Pereira é levado a examinar a causa de um nascimento tão prodigioso como o das xifópagas de Castelo Branco: passa, então, a arrolar todas as causas já tradicionalmente aduzidas na literatura, mas não deixa de dar particular relevância ao papel da imaginação, citando inúmeros exemplos recolhidos de diversas fontes. Conclui que há uma causa natural para o nascimento de seres como esses, e que essa causa é, contrariamente ao que diz Fonseca Henriques, segundo o qual o sexo feminino não concorre com matéria seminal prolífica, a confusão das matérias espermáticas, as quais iam para produzir dois seres perfeitos, mas disso se privaram ou por estreiteza ou por má composição do útero. No entanto, prossegue Pereira, não nos podemos esquecer de que tudo que provém de Deus é ótimo e justificável, e portanto é sempre possível encontrar uma outra causa para esse parto monstruoso, já agora integrado na categoria dos portentos:

“Que este prodigio teria por causa querer Deos N. Senhor mostrar annuncio feliz a toda a Christandade, e funesto auspicio aos inimigos da Fé Catholica, dando a entender ao Mundo, que unidas as armas dos Reynos Christãos com as do Invictissimo Imperador Carlos VI. saberão destroçar os barbaros Ottomanos [com pouca effusão de sangue Catholico], ...”³²

As razões que Pereira encontra para justificar essa interpretação têm fundamento numa analogia dupla: primeiro, as meninas nasceram no momento em que as armadas cristãs e principalmente a lusitana saíram para dar combate aos turcos; e segundo, o dia do nascimento era o dia dedicado a S. Boaventura, o que só poderia augurar uma boa ventura à empresa dos cristãos. Fazendo ainda uma leitura moral do evento (pois Pereira não descuida dos níveis de leitura e interpretação textual), vê nas gêmeas uma alegoria da união e amizade que deve reinar entre irmãos, lembrando inclusive o emblema em que Alciato representa a concórdia invencível através da figura monstruosa de Gerião. O fim do **Discurso** é dedicado à discussão do provável tempo de vida das xifópagas, e aí Bernardo Pereira desce a considerações de caráter mais naturalista, muito embora observe que a Deus nada é impossível, nem mesmo prolongar a vida em circunstâncias improváveis. O texto é assinado em Sardoal, 30 de agosto de 1716. Em 6 de novembro do mesmo ano, Bernardo acrescenta um pós escrito, em que dá conta da morte das meninas, que só

viveram dezesseis dias, e reitera a sua confiança no bom presságio que elas representam para a Cristandade, relembando a recente vitória do Príncipe Eugênio de Sabóia contra os otomanos em Peterwardein. Nesse momento, remete o leitor para o folheto **Gazeta do Eclypse da Lua Ottomana**, publicado no mesmo ano de 1716.

É significativo, por si só, o fato de Bernardo Pereira tratar do nascimento das xifópagas num texto autônomo, fora dos tratados de medicina: assim fazendo, ele, um médico, retrocede em relação ao movimento inverso que se observa nos países culturalmente mais avançados da época, nos quais ocorrera exatamente o oposto: "Pelo fim do século XVII, os monstros tinham perdido a sua autonomia como um tema de estudo científico, dissolvendo os seus laços com terremotos e similares, e tinham sido integrados dentro das disciplinas médicas de anatomia comparada e embriologia."³³

A remissão de Bernardo Pereira a um folheto, juntamente com outras referências para as quais já chamei a atenção anteriormente, leva-nos a relacionar a literatura teratológica portuguesa do século XVIII com um gênero que conheceu enorme sucesso na Europa nos séculos XVI e XVII, mas que somente encontrou o seu apogeu no Portugal setecentista: trata-se dos folhetos de cordel que contêm os relatos de aparecimento de monstros, de diversa natureza, sendo alguns deles monstros de caráter doméstico, como o famoso **Monstro de Chaves**, e outros de caráter internacional. Alguns são figuras meramente assustadoras, pelo seu especial poder de destruição, mas outros são monstros mais impressionantes pela peculiaridade do seu aspecto, ou pela sua função de portento anunciador de calamidades. Essa literatura cruza-se em alguns pontos com a pregação religiosa de cunho apocalíptico, como fica claro, por exemplo, no folheto **Relaçam de hum Prodigio sucedido em huma das Cidades da Provincia do Paraguay**, narrativa do aparecimento de um monstro apavorante, que clama pela cidade em brados horríveis: **Eu sou a Figura dos pecadores do Paraguay**; logo em seguida ao desaparecimento do monstro, narra o folheto, sobe ao púlpito o Guardião de S. Francisco, fazendo um sermão "verdadeiramente apostólico, estranhando os vícios e os crimes que mereceram tão grande demonstração da Divina clemência."³⁴ Essa literatura de prodígios e portentos vai ainda encontrar no terremoto de 1º de Novembro de 1755 um manancial inesgotável.

Aliás, a influência especial que os terremotos, ou os fenômenos meteorológicos em geral exerciam sobre a vida das pessoas, fazia parte do conhecimento comum: dele partilhava também uma figura esclarecida como Ribeiro Sanches, o qual, nos seus pioneiros estudos sobre a sífilis, afirma que ela começou por uma epidemia, precedida por fenômenos meteorológicos.³⁵ Essa afirmação, porém, está longe de estabelecer relações punitivas de caráter apocalíptico, do tipo das que foram inferidas pelo Pe. Malagrida: elas situam-se, antes, no campo da observação natural ligada aos cuidados da higiene, a que Ribeiro Sanches dedicou o seu **Tratado da conservação da saude dos povos [...] com um appendix, Consideraçoes sobre os Terremotos, com a noticia dos mais consideraveis, de que faz menção a Historia, e dos ultimos que se sentirão na Europa desde o 1 de Novembro de 1755.**³⁶ Ainda um outro médico irá explorar as relações entre fenômenos naturais, principalmente os terremotos, e as epidemias: Sachetti Barbosa procura demonstrar que "as epidemias e febres contagiosas são precedidas de certos phenomenos naturaes, como sejam producção de grande numero de insectos, irregularidades notaveis de estações, terremotos, inundações, meteoros celestes, cadaveres em putrefacção ao ar livre, mudanças de habitos de vida, e paixões deprimentes, como o susto e terror."³⁷

Essas posições ilustradas, que tiveram grande influência sobre o desen-

volvimento posterior da medicina e da legislação sanitária em Portugal, contrastam com opiniões tais como as expostas por um Pedro Norberto de Aucourt Padilha, fidalgo cavaleiro da casa real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e secretário da Mesa do Desembargo do Paço, que em 1759, na sua obra **Raridades da Natureza e da Arte**, ainda endossa o carácter portentoso de nascimentos como o de um menino referido pelo Padre Eusébio Nieremberg, com um cutelo agudo que lhe saía do ventre, interpretado como prognóstico das guerras civis da Alemanha.³⁸ A mesma atitude contra a corrente dos novos tempos se manifesta numa obra que teve muita repercussão, vindo a ser bastante referida por autores posteriores: trata-se do **Anno Historico** do Pe. Francisco de Santa Maria, no qual se encontram afirmações do tipo desta:

“Nesta mesma Ilha [Santiago, Cabo Verde] nasceo de uma negra, e de hum mono hum mixto, e monstro de ordinaria estatura, e natural proporção de membros: só tinha larga beta de cabellos sobre os lombos, e não falava, mas fazia com esperteza o que lhe advertião; sobre largas disputas se resolveo, que não tinha alma racional, por ser bruto o seu mais nobre, e principal generante.”³⁹

Novamente, será preciso esperar pela precisão “filosófica” de Mr. de Pauw, que duvida da possibilidade de que mulheres venham a ser fecundadas por macacos, e em especial por orangotangos:

“De resto, resulta do exame desses sentimentos opostos, e das nossas próprias observações, que os Pongos ou os Orangos, profundamente diferentes dos macacos, são os primeiros dos animais depois do homem, e que se se reproduzissem com ele, o mestiço saído dessa raça cruzada seria sob todos os aspectos o que olhos filosóficos poderiam contemplar de mais notável no universo; mas não temos senão conjecturas muito distantes sobre a possibilidade dessa geração: pois o que se conta sobre algumas mulheres expostas ou abandonadas nas ilhas desertas do Arquipélago Indio, onde elas conceberam do comércio com os Pongos que as recolheram, não passa de um ruído vago que se menciona nas Relações sem nome e sem autoridade.”⁴⁰

Estabelece-se aqui, portanto, um abismo de idoneidade e de autoridade entre o discurso “filosófico” e o discurso dos folhetos de casos notáveis e prodígios, abismo que estava ainda longe de existir na literatura médica e prodigiosa do Portugal setecentista.

É claro que a sobreposição de tipos de conhecimento e de tipos de discurso não constitui uma raridade na história da cultura europeia do século XVI ao XVIII. O que intriga, porém, no caso português, é que tenha havido um movimento no sentido oposto ao do resto da Europa: claramente ilustrado, humanista, no século XVI, quando o resto da Europa colocava ainda no mesmo balaio tratados de medicina e cirurgia, folhetos de viagem e de prodígios, passando depois muito de leve pela onda naturalista do maravilhamento diante dos prodígios, até chegar ao século XVIII com uma fusão nitidamente observável, ainda que não total, dos dois tipos de discurso. Nesse sentido, chama também a atenção o fato de haver uma separação clara entre os outros domínios da medicina e a teratologia do século XVIII português: enquanto nos outros campos parece haver um acorpanhamento razoá-

vel da medicina portuguesa em relação à do resto da Europa, no campo da teratologia há um atraso inequívoco. As causas desse fenômeno envolvem, contudo, uma análise mais detalhada das outras formas de literatura teratológica e de prodígios. No entanto, o levantamento da situação da literatura teratológica médica é suficiente, parece-me, para o mapeamento de uma zona problemática significativa, não só para o estudo da evolução da medicina portuguesa, mas também para a caracterização da maneira como se desenvolveu o discurso científico em Portugal.

Por outro lado, a sobrevivência desse domínio como um recanto onde se abrigaram fantasmas que a Ilustração procurava espanejar, adquire relevância no quadro do imaginário português do século XVIII. Muito acertadamente, Mário Cesariny, numa antologia de literatura de cordel que recentemente publicou, designa a secção onde se reproduzem folhetos de relato de monstros, "Os Sobreviventes do Dilúvio"⁴¹: sobreviventes com certeza eles são, não só pela sua própria existência anacrônica, mas também pelos sentimentos anacrônicos que provocam, e pela maneira pouco "filosófica" como são tratados. As causas dessa sobrevivência, contudo, não podem ser tratadas com os elementos de que dispomos até aqui, e deverão ser objeto de investigação à parte.

NOTAS

* Originalmente publicado em **Arquivos do Centro Cultural Português**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa/Paris, 1988, vol. XXV, pp. 461-482.

1. **Apud** Brás Luís de Abreu, **Portugal medico, ou Monarchia Medico Lusitana**. Coimbra, na Officina de Joam Antunes, 1726, p.12.
2. **Ibid.**, p.12.
3. "The study of the sixteenth- and seventeenth-century literature on monsters -- aberrations in the natural order -- sheds new light on earlier conceptions of nature, as well as on the Baconian scientific programme and its incarnation in the work of French and English academies. It also provides a fascinating case-study in levels of culture, and in particular on the changing relationship between popular and learned culture in this period." Katharine Park & Lorraine J. Daston, "Unnatural Conceptions: the Study of Monsters in France and England." **Past and Present**, 92 (August 1981) p.22.
4. Maximiano Lemos, **Historia da Medicina em Portugal**. Lisboa, Manoel Gomes, Editor, 1899. Vol. 1, p.230.
5. **Ibid.**, p.226-234.
6. **Centúrias de curas médicas**. Pref. e trad. de Firmino Crespo. Lisboa, Fac. de Ciências Médicas da Universidade Nova [1983] p.169.
7. "Mercatoris quoque qui ex Anglia venit uxor abortivit, & secundo die post abortum simile quoque animal peperit, ut multis alijs evenisse vidimus, praecipue Anconitavis: debet vero animal hoc inter molae genera adnumerari, de cuius conceptus causa Hippocratem legito libro primo de Morbis muliebribus: sed quum haec scriberem, in mentem venit mulier Ferrariensis, quae quum ob difficilem partum mortua fuisset, eam aperuimus, ac dissecavimus, geminos enim in matrice completos habebat, masculum et foeminam, & illos quidem mortuos, inde enim extracta matrice, per doctissimum Joannem Baptistam Cananum, percipimus falsum esse, quod quidam dicunt, in matrice locellos plures esse, quum reuera matrix, siue uterus, similis vesicae sit, in qua praeter communem quandam cauitatem, nulla altera apparet: Signatur tamen in ea pars dextra & sinistra, cuius substantia cum scindebatur, intestinorum substantiae similis apparebat: fabulosum quoque est, quod Heropilus tradit, humanam matricem dissectam bicornem esset." **Cent. I, Cur. XXVII. Curationum medicinalium. [Cent. I a IV]**. Basileae, 1556, p.86-87.
8. "Mirum, sed verum casum describo, Thessalonicae evenientem, duae mulieres Turcae vicinae, multis coitibus, incubis & subcubis, sese contaminabant, pulluebantve, quarum altera vidua erat: altera vero maritum habebat. Caeterum, quum semel vidua ad coitum irritata, alteram coniugatam ad coitum incitaret, & forte ea hora, a marito, cum quo rem habuerat, discedentem, subcuba est facta, quo in coitu amplexuve, post multam frictionem attractationemve ac seminis eiaculationem, uterus subcubae viduae ingenti appetentia semen non solum mulieris incubantis, sed virile non multum antea in eius utero relictum, suxit, a quo semine praegnans facta est, firmante ipsa, variis iuramentis habitis, cui fidem praestare debemus, cum illi minus ignominiosum erat, a viro concepisse fateri, quam a muliere eo modo habita." **Cent. VII, Cur. XVIII**. Lugduni, Apud Guliel. Rovillium, 1570, 59-60.
9. **Cent. IV, Cur. Centesima**. Basileae, 1556, 643-644.
10. "A experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar, os quais disseram que toda a terra que jaz debaixo do círculo equinocial era inabitável, pela grande quentura do Sol. E isto achamos falso e pelo contrário; porque [...] nesta terra há muita habitação de gente [...]" **Apud** Luís de Albuquerque, **Ciência e experiência nos Descobrimientos portugueses**.

- ICALP, Biblioteca Breve, 1983, p.82.
11. Maximiano Lemos, **op. cit.**, 257-260.
 12. "Plinius refert apud quosdam populos in India quos Mandros, & Calingas vocat, foeminas quinquennes, septennes concipere, sed illas octavum vitae annum, has quadragesimum non excedere; sed quia nostri Lusitani (qui forte prepotentique animo, & bellica virtute totas illas regiones peragrarunt, & ad earum intima penetrarunt, quaeque rariora sibi visa sunt, inclitis literarum monumentis sedulo consecrarunt) huiusce rei nullibi (quod sciam) meminerint, figmentum potius, & ad forum excogitatum videtur, quippe in illa aetate angustiores viae sint, quam ut per eas sanguis possit ad conceptum libere permeare." **De universa muliebrium morborum medicina...** Venetiis, Apud Paulum Baleonium, 1644, 69-70.
 13. Cito livremente de St. Augustine, **The City of God against the Pagans**. With an English translation by Eva Matthews Sanford & William McAllen Green. London & Cambridge, Mas., Harvard University Press, 1945. Livro XVI, VIII, p.41-49.
 14. **Etymologiae**, L. XI, 3. 1-39.
 15. **Ibid.**, Lib. II, Cap. VIII, 56-57.
 16. **Descobrimentos e Renascimento**. Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI. Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1983, p.50
 17. **Op. cit.**, lib. 3, **sectio 2, cap.** VI. Veneza, 1644, 486-7.
 18. **História da medicina em Portugal**. Vol. 2, 29-30. Aleixo d'Abreu é autor de um **Tractado de las siete enfermedades, De la inflamacion universal del Hgado, Zirbo, Pyloron, y Rinones, y de la obstrucion, de la Satiriasi, de la Terciana y febre maligna, y passion hipocondriaca**. Em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1623.
 19. Antuerpia, ex Officina Christophori Plantini, 1582.
 20. Maximiano Lemos, **op. cit.**, vol. II, 30-31.
 21. "Puellam vidi aetatis trium annorum, formosam, & pulchram cum barba magna, cui totum corpus nimis hirsutum erat, [...] Hoc monstrum circulatores lucrandi causa publice ostentabant. Nam ex naturae errore multa admiranda cernantur...." **Praxis medica admiranda. Liber III, Observatio XCI. De monstris**. Lugduni, Joannem-Antonium Hughetan, 1637.
 22. "Huic monstroso partui, ut referebat mater, occasionem dedit, Unicornu pictura, quam ipsa inter coeundum intenta mentis acie fuerat contemplata. [...] Monstra ergo dantur in rerum natura." **Op. cit.**, 506-7.
 23. "The natural history of monsters and other marvels played a crucial role in the Baconian programme: monsters provided both the key to understanding more regular phenomena and the inspiration for human invention. As prodigies, monsters had straddled the boundaries between the natural and the supernatural; as natural history, they bridged the natural and the artificial." **Op. cit.**, p.25.
 24. **Op. cit.**, p.12.
 25. M. Lemos, **op. cit.**, vol. 2, p.148.
 26. "Tambem chamarão os hermaphroditas Androgynos, palavra Grega, que significa homem, e mulher, e por isto se chamão Androgynos hus povos de Africa, cujos habitadores tem hua, e outra natureza, e uzão de hum, e outro sexo, se havemos de dar credito a o que por autoridade de Calliphanes escreve Plinio; 7. o que tambem diz Aulo Gellio, 8. e Izidoro, 9." **Medicina lusitana, e Socorro Delphico**. Amsterdam, Miguel Diaz, 1710, **Disput. 2, Cap. 6**.

27. Presque tous les Hermaphrodites ne sont que des filles en qui les organes du sexe, en excédant les bornes ordinaires, se sont trop développées; et cette extension, qui se manifeste dès la naissance, loin de disparaître ou de diminuer, croît et augmente avec l'âge; pendant que le contraire arrive souvent dans les garçons dont les marques viriles sont restées cachées jusqu'à l'adolescence: ce défaut se corrige ordinairement; parce que la force du tempérament expulse les parties qui doivent naturellement saillir: mais elle ne peut comprimer celles qui saillent contre l'ordre habituel." **Recherches philosophiques sur les américains ou mémoires intéressantes pour servir à l'histoire de l'espèce humaine par Mr. de P*****. A Berlin, Chez George Jacques Decker, 1768-1771, p. 88.
28. **Emblema Vivente, ou Noticia de hum portentoso Monstro, que da Provincia de Anatolia foy mandado ao Sultão dos Turcos**. Lisboa Occidental, na Officina de Pedro Ferreira, 1727.
29. M. de Lemos, **op. cit.**, vol. 2, p.192-3.
30. Coimbra: No Real Collegio das Artes da Comp. de Jesus, Anno de 1719, p.8-19.
31. **Ibid.**, p.4.
32. **Ibid.**, p.64.
33. "By the end of the seventeenth century, monsters had lost their autonomy as a subject of scientific study, dissolving their links with earthquakes and the like, and had been integrated into the medical disciplines of comparative anatomy and embryology." K. Park and L.J. Daston, **op. cit.**, p.23.
34. Lisboa Occidental, Na Officina de Antonio Correa Lemos, 1736.
35. **Apud** M. Lemos, **op. cit.**, vol. 2, p.134.
36. Em Paris, e se vende em Lisboa, em casa de Bonardes e du Beux, 1756. [Nova edição emendada, Lisboa, na Officina de Joseph Filipe, 1757.]
37. **Apud** M. Lemos, **op. cit.**, vol. 2, p.165.
38. Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Amaro, 1759, p.136.
39. **Anno Historico, Diario Portuguez, Noticia Abreviada de pessoas grandes, e cousas notaveis de Portugal**. [...] Composto pelo Padre Mestre Francisco de S. Maria. Tomo Segundo, que contem Mayo, Junho, Julho, Agosto. Lisboa, na Officina, e a custa de Domingos Gonsalves, 1744. Dia 1º de Mayo, p.3.
40. "Au reste, il résulte de l'examen de ces sentimens opposés, et de nos propres observations, que les Pongos ou les Orangs, foncièrement différens des singes, sont les premiers des animaux après l'homme, et que s'ils produisoient avec lui, le métif de cette race croisée seroit à tous égards ce que des yeux philosophiques pourroient contempler de plus remarquable dans l'univers; mais on n'a que des conjectures très éloignées sur la possibilité de cette génération: car ce qu'on rapporte de quelques femmes exposées ou délaissées dans des isles désertes de l'Archipelague Indien, où elles conçoient de leur commerce avec les Pongos qui les recueillirent, n'est qu'un bruit vague dont on fait mention dans des Relations sans nom et sans autorité." **Op. cit.**, p.75.
41. **Horta de Literatura de Cordel**. Antologia, fixação do texto, prefácio e notas de Mário Cesariny. Lisboa, Assírio e Alvim, 1983.